

MÍA  
Couto

ROMANCE

MI  
TERRA  
Sonâmbula

(10.ª edição)

5 CAMINHO  
outras margens  
autores estrangeiros de língua portuguesa

# Índice

<i>Primeiro capítulo</i>	
A estrada morta . . . . .	11
<i>Primeiro caderno de Kindzu</i>	
O tempo em que o mundo tinha a nossa idade . . . . .	19
<i>Segundo capítulo</i>	
As letras do sonho . . . . .	47
<i>Segundo caderno de Kindzu</i>	
Uma cova no tecto do mundo . . . . .	57
<i>Terceiro capítulo</i>	
O amargo gosto da maquela . . . . .	69
<i>Terceiro caderno de Kindzu</i>	
Matimati, a terra da água . . . . .	79
<i>Quarto capítulo</i>	
A lição de Siqueleto . . . . .	91
<i>Quarto caderno de Kindzu</i>	
A filha do céu . . . . .	101
<i>Quinto capítulo</i>	
O fazedor de rios . . . . .	123
<i>Quinto caderno de Kindzu</i>	
Juras, promessas, enganos . . . . .	133

<i>Sexto capítulo</i>	
As idosas profanadoras . . . . .	145
<i>Sexto caderno de Kindzu</i>	
O regresso a Matimati . . . . .	151
<i>Sétimo capítulo</i>	
Mãos sonhando mulheres . . . . .	179
<i>Sétimo caderno de Kindzu</i>	
Um guia embriagado . . . . .	185
<i>Oitavo capítulo</i>	
O suspiro dos comboios . . . . .	199
<i>Oitavo caderno de Kindzu</i>	
Lembranças de Quintino . . . . .	203
<i>Nono capítulo</i>	
Miragens da solidão . . . . .	223
<i>Nono caderno de Kindzu</i>	
Apresentação de Virgínia . . . . .	229
<i>Décimo capítulo</i>	
A doença do pântano . . . . .	255
<i>Décimo caderno de Kindzu</i>	
No campo da morte . . . . .	263
<i>Décimo primeiro capítulo</i>	
Ondas escrevendo estórias . . . . .	283
<i>Último caderno de Kindzu</i>	
As páginas da terra . . . . .	287
<i>Glossário</i> . . . . .	299

## *Primeiro capítulo*

### A estrada morta

Naquele lugar, a guerra tinha morto a estrada. Pelos caminhos só as hienas se arrastavam, focihando entre cinzas e poeiras. A paisagem se mestiçara de tristezas nunca vistas, em cores que se pegavam à boca. Eram cores sujas, tão sujas que tinham perdido toda a leveza, esquecidas da ousadia de levantar asas pelo azul. Aqui, o céu se tornara impossível. E os viventes se acostumaram ao chão, em resignada aprendizagem da morte.

A estrada que agora se abre a nossos olhos não se entrecruza com outra nenhuma. Está mais deitada que os séculos, suportando sozinha toda a distância. Pelas bermas apodrecem carros incendiados, restos de pilhagens. Na savana em volta, apenas os embondeiros contemplam o mundo a desflorir.

Um velho e um miúdo vão seguindo pela estrada. Andam bamboleitos como se caminhar fosse seu único serviço desde que nasceram. Vão para lá

de nenhuma parte, dando o vindo por não ido, à espera do adiante. Fogem da guerra, dessa guerra que contaminara toda a sua terra. Vão na ilusão de, mais além, haver um refúgio tranquilo. Avançam descalços, suas vestes têm a mesma cor do caminho. O velho se chama Tuahir. É magro, parece ter perdido toda a substância. O jovem se chama Muidinga. Caminha à frente desde que saíra do campo de refugiados. Se nota nele um leve coxear, uma perna demorando mais que o passo. Vestígio da doença que, ainda há pouco, o arrastara quase até à morte. Quem o recolhera fora o velho Tuahir, quando todos outros o haviam abandonado. O menino estava já sem estado, os ranhos lhe saíam não do nariz mas de toda a cabeça. O velho teve que lhe ensinar todos os inícios: andar, falar, pensar. Muidinga se meninou outra vez. Esta segunda infância, porém, fora apressada pelos ditados da sobrevivência. Quando iniciaram a viagem já ele se acostumava de cantar, dando vaga a distraídas brincriações. No convívio com a solidão, porém, o canto acabou por migrar de si. Os dois caminheiros condiziam com a estrada, murchos e desesperançados.

Muidinga e Tuahir param agora frente a um autocarro queimado. Discutem, discordando-se. O jovem lança o saco no chão, acordando poeira. O velho ralha:

— *Estou-lhe a dizer, miúdo: vamos instalar casa aqui mesmo.*

— *Mas aqui? Num machimbombo todo incendiado?*

— *Você não sabe nada, miúdo. O que já está queimado não volta a arder.*

Muidinga não ganha convencimento. Olha a planície, tudo parece desmaiado. Naquele território, tão desrido de brilho, ter razão é algo que já não dá vontade. Por isso ele não insiste. Roda à volta do machimbombo. O veículo se despistara, ficara meio atravessado na rodovia. A dianteira estava amassada de encontro a um imenso embondeiro. Muidinga se encosta ao tronco da árvore e pergunta:

— *Mas na estrada não é mais perigoso, Tuahir? Não é melhor esconder no mato?*

— *Nada. Aqui podemos ver os passantes. Está-me compreender?*

— *Você sempre sabe, Tuahir.*

— *Não vale a pena queixar. Culpa é sua: não é você que quer procurar seus pais?*

— *Quero. Mas na estrada quem passa são os bando.*

— *Os bando se vierem, nós fingimos que estamos mortos. Faz conta falecemos junto com o machimbombo.*

Entram no autocarro. O corredor e os bancos estão ainda cobertos de corpos carbonizados. Muidinga se recusa a entrar. O velho avança pelo corredor, vai espreitando os cantos da viatura.

— *Estes arderam bem. Veja como todos ficaram pequenitos. Parece o fogo gosta de nos ver crianças.*

Tuahir se instala no banco traseiro, onde o fogo não chegara. O miúdo continua receoso, hesitando entrar. O velho encoraja:

— *Venha, são mortos limpos pelas chamas.*

Muidinga vai avançando, pisando com mil cautelas. Aquele recinto está contaminado pela morte. Seriam precisas mil cerimónias para purificar o autocarro.

— *Não faça essa cara, miúdo. Os falecidos se ofendem se lhes mostramos nojo.*

Muidinga arruma o saco num banco. Senta-se e observa o recanto conservado. Há tecto, assentos, encostos. O velho, impávido, já se deitou a repousar. De olhos fechados, espreguiça a voz:

— *Sabe bem uma sombrinha assim. Não descanso desde que fugimos do campo. Você não quer sombrear?*

— *Tuahir, vamos tirar esses corpos daqui.*

— *E porquê? Cheiram-lhe mal?*

O miúdo não responde logo. Está virado para a janela quebrada. O velho insiste que descanse. Desde que saíram do campo de deslocados eles não tinham tido pausa. Muidinga permanece de costas viradas. Se escuta apenas o seu respirar, quase resvalando em soluço. Então, ele repete a sussurrante súplica: que se limpe aquele refúgio.

— *Lhe peço, tio Tuahir. É que estou farto de viver entre mortos.*

O velho se apressa a emendar: *não sou seu tio!* E ameaça: *o moço que não abuse familiaridades.*

*Mas aquele tratamento é só a maneira da tradição, argumenta Muidinga.*

- *Em você não gosto.*
- *Não lhe chamo nunca mais.*
- *E me diga: você quer encontrar seus pais por quê?*
- *Já expliquei tantas vezes.*
- *Desconsigo de entender. Vou-lhe contar uma coisa: seus pais não lhe vão querer ver nem vivo.*
- *Porquê?*
- *Em tempos de guerra filhos são um peso que trapalha maningue.*

Saem a enterrar os cadáveres. Não vão longe. Abrem uma única campa para poupar esforço. No caminho do regresso encontram mais um corpo. Jazia junto à berma, virado de costas. Não estava queimado. Tinha sido morto a tiro. A camisa estava empapada em sangue, nem se notava a original cor. Junto dele estava uma mala, fechada, intacta. Tuahir sacode o morto com o pé. Revista-lhe os bolsos, em vão: alguém já os tinha vazado.

- *Eh pá, este gajo não cheira. Atacaram o machimbombo há pouco tempo.*

O miúdo estremece. A tragédia, afinal, é mais recente que ele pensava. Os espíritos dos falecidos ainda por ali pairavam. Mas Tuahir parece alheio à vizinhança. Enterram o último cadáver. O rosto dele nunca chega a ser visto: arrastaram-no assim mesmo, os dentes charruando a terra. Depois de fecharem o buraco, o velho puxa a mala para

dentro do autocarro. Tuahir tenta abrir o achado, não é capaz. Convoca a ajuda de Muidinga:

— *Abre, vamos ver o que está dentro.*

Forçam o fecho, apressados. No interior da mala estão roupas, uma caixa com comidas. Por cima de tudo estão espalhados cadernos escolares, gatafunhados com letras incertas. O velho carrega a caixa com mantimentos. Muidinga inspecciona os papéis.

— *Veja, Tuahir. São cartas.*

— *Quero saber é das comidas.*

O miúdo remexe no resto. As mãos curiosas viajam pelos cantos da mala. O velho chama a atenção: ele que deixasse tudo como estava, fechasse a tampa.

— *Tira só essa papelada. Serve para acendermos a fogueira.*

O jovem retira os caderninhos. Guarda-os por baixo do seu banco. Não parece pretender sacrificar aqueles papéis para iniciar o fogo. Fica sentado, alheio. No entanto, lá fora, tudo vai ficando noite. Reina um negro silvestre, cego. Muidinga olha o escuro e estremece. É um desses negros que nem os corvos comem. Parece todas as sombras desceram à terra. O medo passeia seus chifres no peito do menino que se deita, enroscado como um congolote. O machimbombo se rende à quietude, tudo é silêncio taciturno.

Mais tarde, se começa a escutar um pranto, num fio quase inaudível. É Muidinga que chora. O velho se levanta e zanga:

— *Pára de chorar!*

— É que me dói uma tristeza...

— Chorando assim você vai chamar os espíritos.  
Ou se cala ou lhe rebento a tristeza à porrada.

— Nós nunca mais vamos sair daqui.

— Vamos, com a certeza. Qualquer coisa vai acontecer qualquer dia. E essa guerra vai acabar. A estrada já vai-se encher de gente, camiões. Como no tempo de antigamente.

Mais sereno, o velho passa um braço sobre os ombros trementes do rapaz e lhe pergunta:

— Tens medo da noite?

Muidinga acena afirmativamente.

— Então vai acender uma fogueira lá fora.

O miúdo se levanta e escolhe entre os papéis, receando rasgar uma folha escrita. Acaba por arrancar a capa de um dos cadernos. Para fazer fogo usa esse papel. Depois se senta ao lado da fogueira, ajeita os cadernos e começa a ler. Balbucia letra a letra, percorrendo o lento desenho de cada uma. Sorri com a satisfação de uma conquista. Vai-se habituando, ganhando despacho.

— Que estás a fazer, rapaz?

— Estou a ler.

— É verdade, já esquecia. Você era capaz ler.  
Então leia em voz alta que é para me dormecer.

O miúdo lê em voz alta. Seus olhos se abrem mais que a voz que, lenta e cuidadosa, vai decifrando as letras. Ler era coisa que ele apenas agora se recordava saber. O velho Tuhair, ignorante das letras, não lhe despertara a faculdade da leitura.

A lua parece ter sido chamada pela voz de Muidinga. A noite toda se vai enluarando. Pratinhada, a estrada escuta a estória que desponta dos cadernos: «Quero pôr os tempos...»

*Primeiro caderno de Kindzu*

O tempo em que o mundo  
tinha a nossa idade

Quero pôr os tempos, em sua mansa ordem, conforme esperas e sofrências. Mas as lembranças desobedecem, entre a vontade de serem nada e o gosto de me roubarem do presente. Acendo a estória, me apago a mim. No fim destes escritos, serei de novo uma sombra sem voz.

Sou chamado de Kindzu. É o nome que se dá às palmeiras mindinhas, essas que se curvam junto às praias. Quem não lhes conhece, arrependidas de terem crescido, saudosas do rente chão? Meu pai me escolheu para esse nome, homenagem à sua única preferência: beber sura, o vinho das palmeiras. Assim era o velho Taímo, solitário pescador. Primeiro, ele ainda esperava que o tempo trabalhasse a bebida, dedicado nos proibidos serviços de fermentar e alambicar. Depois, nem isso: simplesmente cortava os rebentos das palmeiras e ficava deitado, boquinhaberto, deixando as gotas pingar na concha dos lábios. Daquele modo, nenhum cipaio lhe apertaria os engasganetes: ele